

ENTREVISTA: GLAUCO BARSALINI

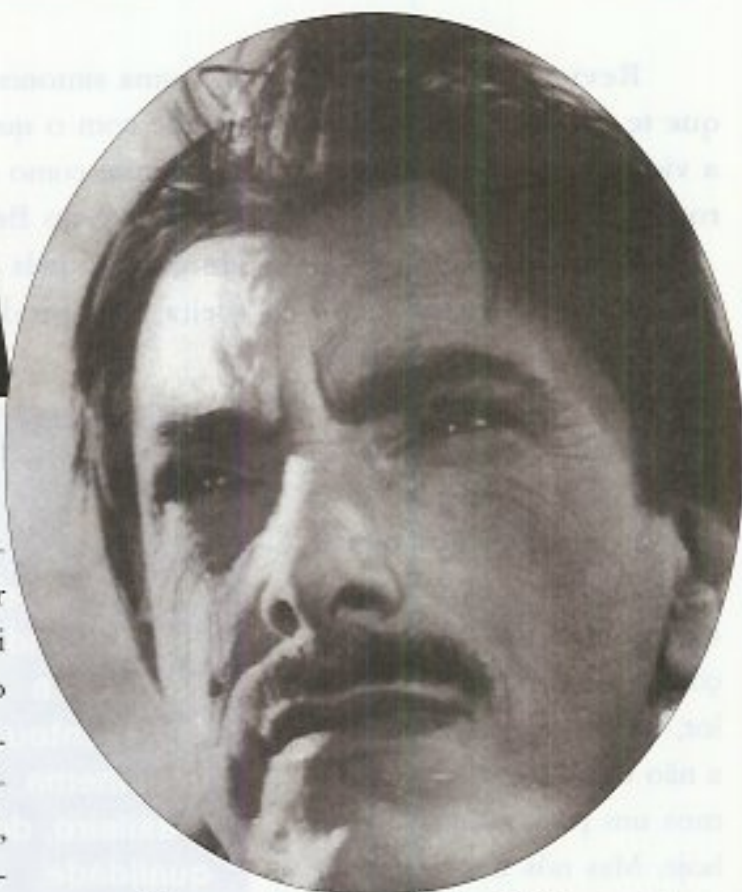
ETERNAMENTE JECA

THIAGO P. RIBEIRO*

Mazzaropi foi um cineasta das massas e para as massas. Criticado por muitos, o Jeca matuto de Mazzaropi foi o personagem que travou o mais perfeito diálogo entre o público brasileiro e o cinema. Dono de um carisma único e de uma interpretação afinada com a realidade brasileira, Amácio Mazzaropi foi também um dos grandes nomes da produção cinematográfica. Sua produtora, a PAM Filmes foi responsável por inúmeros sucessos do Jeca e um exemplo de distribuição e controle. Chamado de primário, imbecil, vulgar e incipiente por críticos de sua época, Mazzaropi buscava um Brasil brejeiro, que falasse a língua do povo.

Sempre se reinventando, ele conseguiu permanecer por muitos anos produzindo seus filmes com fórmulas muito parecidas e apoiado em sua interpretação. Fosse ele o caboclo, o sertanejo, o gaúcho, o chofer ou o caipira, suas histórias atingiam o povo brasileiro, seja no sítio, na pequena cidade ou no bairro familiar.

Apaixonado pela figura e papel de Mazzaropi, o sociólogo e mestre em Mídias Glauco Barsalini, escreveu o li-



Glauco Barsalini

vro *Mazzaropi: O Jeca do Brasil*. Neste trabalho, ele resgata a importância histórica deste diretor, ator e produtor. A autonomia e a autenticidade conquistadas por Mazzaropi foram motivos para a realização da pesquisa que sustenta o livro. Ele acredita que Mazza, como carinhosamente se refere ao diretor, foi um dos grandes ícones da cultura popular brasileira e insubstituível neste sentido. Seus filmes, quase todos eles sucesso de bilheteria, eram aclamados pelo público. Nesta entrevista, Glauco fala da figura e da importância de Mazzaropi e proporciona uma pequena viagem ao interior do Brasil.

* Thiago P. Ribeiro é jornalista e editor do site cinemando.com.br

Crédito da foto de Mazzaropi: Olga Rodrigues Nunes de Souza (arquivo pessoal)

Revista *Resgate* – O que te motivou a pesquisar a vida e a obra de Mazzaropi?

Glauco Barsalini – Sou formado em Ciências Sociais e acho que não existe ciência imparcial. Esta coisa de neutralidade da ciência não existe. Todos os “cientistas” têm que ter uma posição política, quer queiram, quer não. A cultura brasileira e as produções nacionais têm muito valor, mas somos acostumados a não dar valor para isso. Somos um país colonizado até hoje. Mas nós temos que ter um pouco de brio. Todo mundo pode se tornar adulto. Ser gente grande. E ser gente grande significa não se submeter aos outros. Muito pelo contrário, significa respeitar os outros, mas, também, se respeitar. Então, o que me motivou a fazer o trabalho foi isso. Mazzaropi foi gente grande, produziu representou um cinema brasileiro, de qualidade. Deixou uma lição de como trabalhar comercialmente no Brasil, o que era uma de suas principais propostas. Com uma crítica de fundo social acentuada, seu trabalho tem uma força ideológica muito grande,

tem uma sintonia fina muito grande com o que a população pensa, como ela age culturalmente no Brasil. Tenho um encanto pela cultura brasileira, pela produção que o

“

Mazzaropi foi gente grande, produziu e representou um cinema brasileiro, de qualidade. Deixou uma lição de como trabalhar comercialmente no Brasil, o que era uma de suas principais propostas.

”

nosso país é capaz de gerar e pela crença da possibilidade de autonomia deste país. Autonomia sem ufanismo. Isso me motivou, eu olhei o Mazzaropi e enxerguei justamente esta resistência de cul-

tura de um povo que é brilhante, mas que as pessoas teimam em dizer que não é.

***Resgate* – Ao construir seu personagem, ele tinha noção deste papel? Como surgiu o Jeca? De onde vem a inspiração de Mazzaropi?**

Barsalini – Falar de reflexões íntimas de Mazzaropi é um pouco difícil, porque eu nunca tive contato com ele e basicamente o material ao qual tive acesso, em que ele se expressa pessoalmente, é de entrevistas escritas, de jornal. Percebi que o Mazzaropi oscila um pouco entre essa ação de resistência consciente e inconsciente. Tem hora que a pessoa do Mazzaropi não percebe muitas vezes que esse Jeca pode significar tanta resistência. Tem outras horas que ele percebe. Numa das poucas entrevistas para a TV, Mazzaropi diz textualmente: “olha, eu faço cultura popular, o povo me entende, o que eu gero pro cinema é dinheiro, eu pago tributos, o governo que invista na educação.” Quer dizer, ele tem uma consciência do papel social do Jeca, do papel social do cineasta Mazzaropi, tanto o personagem do Jeca, como o

cineasta, que é incrível. Eu acho que não importa tanto se foi consciente ou inconsciente esse processo, importa o que foi. É muito claro que o personagem do Jeca simboliza essa resistência cultural, porque a todo o momento ele está no meio de histórias em que existem conflitos sociais, aonde ele está sendo massacrado, e, no fim, ele dá a volta por cima. É muito evidente isso na filmografia do Mazzaropi.

Resgate – Como ele construiu esse Jeca?

Barsalini – Foi mais pela tradição do teatro popular mesmo. Ele entrou em contato com Cornélio Pires, com os irmãos Arruda, com Olga Crutt, que tinha uma companhia de teatro e fazia esse tipo de teatro popular, depois com o Nino Nello, com suas peças de gênero ítalo-brasileiro, que tinha sempre a posição do imigrante italiano, muitas vezes massacrado por alguém de família quatrocentona da capital paulista. É o caipira também estava nesse meio. A estrutura dramática do texto dele é toda baseada no teatro.

Resgate – É verdade que ele nunca soube fazer cinema tecnicamente. Ele sempre tinha que contar com o auxílio de alguém?

“

Mazzaropi sabia fazer argumento, roteiro, produzir e distribuir. Sabia atuar, tinha carisma e *feeling* do que a platéia queria ouvir. Agora, fazer plano, contraplano, usar os recursos filmicos e técnicos, até onde pesquisei, posso afirmar que ele não era exímio nisso não.

”

Procede a informação?

Barsalini – Acho que até procede. Não que ele não dominasse a técnica do cinema. Eu acho que o Mazzaropi era genial, mas ele não era um deus. Ele era um sujeito que sabia montar um ar-

gumento precisamente adequado àquela estrutura do drama, do teatro anarquista e do teatro da comédia do gênero livre, que tem a ver com o teatro de comédia de costumes. Ele fazia essa crítica, sabia montar argumento, sabia fazer roteiro. Ele sabia muito produzir e distribuir. Ele sabia atuar, tinha carisma e *feeling* do que a platéia queria ouvir dele. Agora, fazer plano, contraplano, todos os recursos filmicos e técnicos mais aprimorados, ainda que influenciasse nessa produção, até onde pude atingir com minha pesquisa, posso afirmar que ele não era exímio nisso não. Aliás, produtores e diretores de tempos mais distantes como da época da Vera Cruz, como Agostinho Martins Pereira, afirmam: “O Mazzaropi não sabia fazer isso não, não sabia fazer filme.” Mas, por exemplo, há um filme que o Mazzaropi assina como diretor, *Portugal Minha Saudade*, de 72. É um filme lindo. Todos os planos, os *takes*. O filme tem uma plástica muito bonita.

Resgate – A crítica daquela época não gostava dessa história de fazer fil-

me para o Brasil e não do Brasil. Como aquela frase em que ele diz: “Cinema é ação compadre, e não meditação”.

Barsalini – Exato. Gostei dessa definição. A crítica não gostava que fizesse filme para o Brasil; só aceitava fazer filme do Brasil. Eu até acho que é muito justificável nesta época de ditadura, esse pessoal com essa cabeça. É justificável nesse momento, não enxergar direito qual era a do Mazzaropi. Não enxergar esse fino tratamento da resistência cultural que estava por trás do Jeca dele. Porque, na verdade, ele fazia um filmão comercial, com começo, meio e fim, drama, o ápice do drama, a comédia e o *happy end*. Então, isso incomodava o pessoal que era ligado ao cinema realista, ao realismo e ao neo-realismo italiano, por exemplo, isso incomodava. Por outro lado, ele criticava a crítica, ele era muito magoado com ela. Acho que ele não conseguia entender direito porque o criticavam tão negativamente. Parte dos críticos ou então mesmo daqueles que protagonizavam o movimento Cinema Novo, foi para a

Embrafilme quando ela foi fundada. O Mazza falava: “Pô, mas eu me sustento, eu sustento o cinema, eu faço cinema para o povo, eu pago imposto, eu sustento uma série de coisas e eu não tomo

“

Um grande mérito de Mazzaropi foi tornar-se empresário, o que se classifica na sociologia como “capitão de indústria.” É aquele sujeito que controla tudo. Ele tinha 80 funcionários só em São Paulo. Tinha fiscal de fiscal.

”

”

dinheiro emprestado.”

Resgate – Qual foi a maior contribuição dele para o cinema nacional? Teria sido o seu pionei-

risimo, de produzir, coordenar a exibição e controlar o dinheiro das bilheterias?

Barsalini – Pioneiro. Esse foi um grande mérito de Mazzaropi, tornar-se empresário, o que se classifica na sociologia como “capitão de indústria.” É aquele sujeito que controla tudo, e esse é o grande salto do cineasta Mazzaropi. Ao mesmo tempo em que ele era ator dos bons, também cativava, como poucos, o público. No que percebia fragilidade, buscava reforço, profissionais competentes. Mazzaropi não media investimentos em seu cinema: trazia artplex, microfones, aparelhos de última geração. Até porque ele não gostava de dublar, então fazia tudo ali. Os atores impostavam a voz por causa disso. Mesmo porque se ele dublasse...Com a dublagem se perde bastante da comédia. Então ele trazia equipamentos de última geração. E, fundamentalmente, tinha essa capacidade de distribuição dos filmes que era algo notável. Mazzaropi tinha 80 funcionários só em São Paulo. Tinha fiscal de fiscal. Ia pessoalmente em muitas casas de cinema para ver como é que

estava, como não estava, se o estavam roubando ou não. Galileu Garcia, produtor de alguns dos filmes em que Mazzaropi atuou, revelou a mim essa dinâmica que ele conseguiu construir, de produzir um filme por ano e receber o pagamento do ano anterior daqueles maus pagadores, ao entregar o novo filme. É um negócio genial. O Mazzaropi é ímpar. Não tem igual. Eu não conheço na história do cinema brasileiro algum produtor que tenha sido ator e que tenha tido um projeto pessoal. A atuação dele era um projeto pessoal. Por isso, ele fazia tanto sucesso.

Resgate – Ele não deixou herdeiros?

Barsalini – Deixou alguns. Mas estes ou não reuniram condições ou não tiveram o perfil necessário para dar continuidade ao trabalho de Mazzaropi. Acabou o Mazzaropi, acabou a PAM (Produções Amácio Mazzaropi), infelizmente.

Resgate – Ele deixou algum herdeiro, no papel de representar o povo, de ser um ícone da comédia?

O humorista Renato Aragão, com o Didi, seria esse herdeiro?

Barsalini – É um outro contexto. É uma outra maneira de fazer. Acho o Renato Aragão muito bom,

“

Ninguém substitui o Mazzaropi.

E digo mais: se ele estivesse vivo ainda hoje, eu acho que ele ainda faria muito sucesso com a mesma personagem. Renato Aragão faz outro tipo de comédia, não exatamente esse resgate de cultura brasileira.

”

mas ele é um fenômeno da televisão. Ele é de um momento em que a Globo estava em franco processo de crescimento, desenvolvimento. Era o grande padrão,

a grande referência de padrão do que é imagem e som no Brasil. Mazzaropi foi uma das pessoas que iniciaram a televisão no Brasil. O primeiro programa de comédia do Brasil foi o *Rancho Alegre*, em que ele atuava, com a Geny Prado, na TV Tupi. É um sujeito do rádio, do circo, do teatro, do cinema na época da chanchada. Então é diferente. O Mazzaropi é único. Ninguém substitui o Mazzaropi naquilo que ele fazia, para aquele nicho de espectadores. Renato Aragão pode ter atingido muito mais pessoas com o crescimento da televisão. Mas ele faz outro tipo de comédia, não exatamente esse resgate de cultura brasileira, de cultura de raiz. E digo mais: se o Mazzaropi estivesse vivo ainda hoje, eu acho que ele ainda faria muito sucesso com a mesma personagem. Porque ele tinha uma capacidade fantástica de se adaptar aos momentos históricos. Acho que ele ainda estaria aí com sucesso. Tanto é que na Bienal do Livro deste ano, crianças de 8 ou 9 anos apontavam para a capa do livro e diziam: “olha, o

Mazzaropi”. Ele virou uma lenda, virou o sinônimo de caipira.

Resgate – Como você vê a crítica hoje se redimindo diante da figura do Mazzaropi? Seria um pedido de desculpas?

Barsalini – Acredito que sim. O próprio Mazzaropi dizia: “No futuro ainda vão falar que eu fui genial. Esse povo me critica porque eu tenho dinheiro.” Há alguns críticos que ainda mantêm a velha postura crítica. Recentemente li um artigo que “desce a lenha” no Mazzaropi. Muitos faziam crítica negativa ou até eram relativamente isentos e não tinham a clareza da importância dele. Eu acho que é um pouco isso, porque as pessoas amadureceram também, e já se faz distante aquele momento de reação mais ligada até a guerrilha urbana, por parte desses intelectuais. Muitos deles mudaram o foco de suas lentes ao olhar para o mundo, e conseguem, hoje, enxergar características da filmografia do Mazzaropi que na época estavam impossibili-

tados de perceber, por toda a conjuntura política que os envolvia.

Resgate – Na sua opinião, qual o melhor filme de Mazzaropi?

“

Mazzaropi dizia:
 “No futuro ainda vão falar que eu fui genial. Esse povo me critica porque eu tenho dinheiro.”
Muitos críticos não tinham a clareza da importância dele. A conjuntura política daquele momento não permitia aos críticos ter essa percepção.

”

Barsalini – Eu gosto muito do *Portugal... Minha Saudade*, mas não é o principal filme dele. Vários filmes me agradam. Acho que

Casinha Pequenininha é um belo exemplo de filme de Mazzaropi. Mas posso elencar outros. O *Jeca Tatu* é um clássico. Acho o *Chover de Praça*, o primeiro filme que ele fez pela PAM Filmes, muito significativo, ali tem essa coisa do filodrama, essa coisa do filho que rejeita o pai; ali tem uma carga emocional muito forte. Tem *Candinho*, da época da Vera Cruz, com a direção de Abílio Pereira de Almeida, muito bom. Acho *Nadando em Dinheiro* um filme menor do ponto de vista do significado da personagem Jeca, inclusive não revertendo muito em bilheteria, apesar de ser um filme muito interessante, com cenas surreais. É genial o filme, mas não teve o apelo popular. *Meu Japão Brasileiro* faz uma crítica forte da questão das cooperativas, da organização dos trabalhadores do campo, em contraposição com o mandonismo de coronéis. Tem vários filmes muito interessantes, de maneira que se eu escolhesse um só certamente estaria fazendo injustiça com tantos outros.